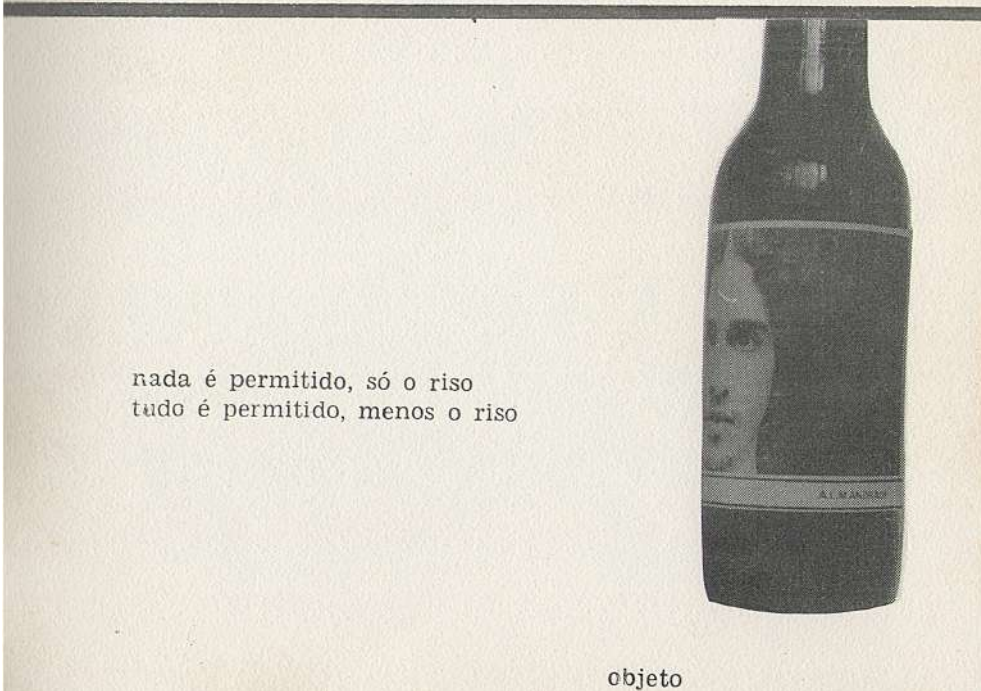
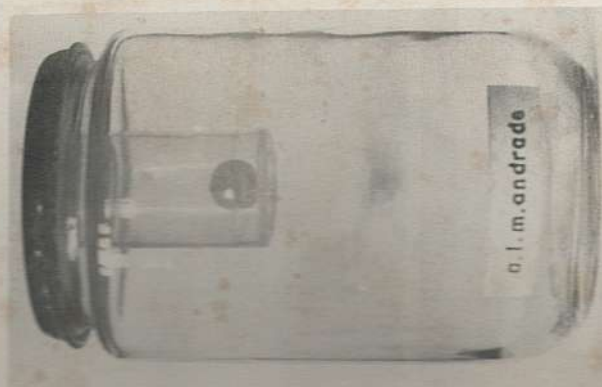


objeto (detalhe)
madeira, bola isopor, cordão / 80

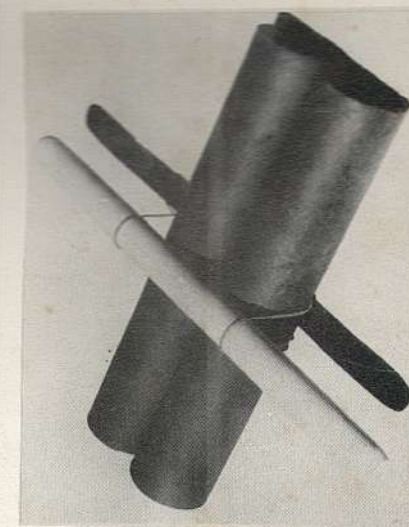


nada é permitido, só o riso
tudo é permitido, menos o riso

objeto



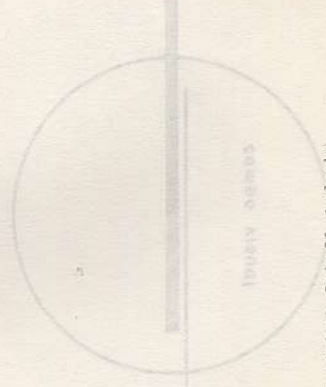
OESCURIDADES DO RISO



capa
objeto/79 (frascos, bola de metal)
contra-capas

- objetos:
1) tubos de papelão, madeira, cordão / 79
2) concha lautréamont
livro, parafuso / 78

com agradecimentos ao poeta
erthos albino de souza



Almandrade (Antonio Luiz M. Andrade)

Almandrade (Antonio Luiz M. Andrade)

Artista plástico, arquiteto e poeta. Sete exposições individuais em Salvador: e Recife, entre 1975 e 1983.

Integrou coletiva de poemas visuais, arte pelo correio e multimedias no Brasil e no exterior e participou da Bienal de São Paulo e do Salão Nacional de Artes Plásticas em 81. Prêmio "Concurso de Projetos", Museu de Arte Moderna da Bahia, 81 e 82. Tem publicado textos teóricos em jornais e revistas especializadas.

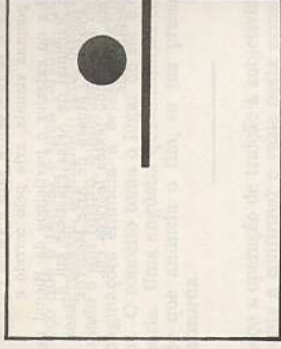


INTRODUÇÃO

Obscuridades do Riso — Almandrade
edição do autor

tiragem 600 exemplares
texto escritos entre 77 e 80
Salvador, 1982

desenho



INTRODUÇÃO

Onde encaixar estes textos, deixo a responsabilidade ao leitor. A temperatura poética se bate com a razão proveniente de um saber como a filosofia, a intuição da poesia se estira no racionalismo e na geometria da linguagem. Pode ser um luxo para erotizar uma página em branco, onde o espectador esfrega a atenção em seus detalhes a procura de um buraco negro. Nada mais do que Lautréamont-sentado de costas para o aparelho de TV ligado, ou Nietzsche atrás de uma cortina gargalhadas. Se não fosse a linguagem, com registrar a impotência, a angústia, o desejo, a loucura, os deuses seriam menos poderosos e a paixão pouco fascinante. Se a linguagem é quem suporta a verdade, com o suicídio do significado devemos observar o acaso, a irregularidade. O significado cede à transgressão, para o suplício dos que não estão acostumados ao prazer, ao excesso ou a desconfiar do código. Não falo de nada, transo a linguagem.

A. L. M. Andrade

O NEGRO REALISMO ORNAMENTADO PELA REFLEXÃO

Reconheço que o pensar é uma tortura, quando o real é um código desagradável, admitindo uma possível entrada e saída, um passado e um futuro, qualquer coisa de linear. O dilúvio das imaginações enuncia a beleza ausente para se tolerar o terror. O conceito toma o lugar do ser e o tempo assassina a memória. Uma angústia quase infinita como o riso amargo do anjo que anuncia o fim, se faz presente no festim da razão absurda.

Recomeço a operação de traição à subjetividade, quando volto novamente a confirmar o vazio nesta armadilha de palavras. Limite aceitável quando se agarra um sentido. Afinal estou ou não estou no texto, falo ou falam de mim, assim como o medo encobre a transgressão ou a gramática desvia o sentimento e tece um limite. A pulsão de falar e a eternidade do compromisso.

Para me livrar da tentação, retorno ao centro da noite fundamental indiferente ao tempo onde não existe respostas nem justificações. O escuro tem a vantagem do infinito: nem ponto de partida nem estação de chegada. O pensamento não leva a lugar nenhum a não ser a si próprio, uma continuidade.

O OUTRO LADO DO CORPO

O vício da ginástica do saber me enlanguesce. Agora meu cérebro quer funcionar, funciona/produz, retém e desperdiça energia. Solta os fantasmas em outra prisão, se lança no exercício compulsivo da idéia ou da agonia. Um choque na exigência e urgência de uma tensão: a perda da referência e a rejeição ao paraíso do divertimento. Movimento, giro, trabalho, embate, uma repetição quase constante na busca impossível de uma saída, como se houvesse saídas. O conhecimento da geometria é inútil para fugir deste labirinto, nem Deus com toda sua sabedoria escapa. Quero desistir, abandonar esta paranoia da analogia, voltar e me integrar ao sucesso mas desconheço a facilidade; sinto que estou preso.

CONSISTÊNCIA DEVOLUTA

Mas o que contam estas palavras, selecionadas e organizadas em sólidas sentenças? Entre elas sobrevivem percentagens da incurável harmonia gramatical. Não reconquistar a pre-tensão inicial e ainda estamos no início deste eletro-encefalograma gelatinoso, que não fornece qualquer informação sobre a sanidade do paciente. Prevalece os episódios invioláveis ao bom senso da comunidade e a suspeita de dissolução das marcas da origem, na teoria cronológica.

A ciência encena enunciados na sala, a arte encena outros nos quartos; mas elas falam coisas diferentes. A esquizofrenia joga uma interminável partida de xadrez com a paranóia. Linguística indefinida; Estreia desorientada girando em torno de si mesma, com velocidade variável, numa galáxia sem centro. Embelezada de recordações; nem do passado nem do presente, simplesmente dramáticas. Pressa intratável de permanecer em estado de tensão; acorde-me, aquele que me encontrar dormindo, pois não gosto de pesadelos e o nada fazer pode ser uma sensação de trabalho.

A solidão tem a rentabilidade de você não ser interrogado.

A PERSISTÊNCIA DA HOSTILIDADE OU A LEI DA RIVALIDADE

Gases adocicados da excitabilidade exalam. A aparição da existência treme e se bate frequentemente com a geometria do segredo; do segredo da canção sublime que aprisiona o ser e mata o tempo. A Venus brinca, dialoga, troca receitas de experiências sexuais com a gentileza e a educação de uma narrativa anedótica, no santuário dedicado a Sade. Escuta dos filósofos conselhos como se fossem blasfêmias ou injúrias. A divindade do amor se contempla na miragem, com sentilidade abandona a perfeição e reclama a lucidez das imaginações poéticas do cérebro de um artista e a paranóia do ator, como forma de saída das fantasias da irrealidade e do assassinato disfarçado do prazer, acompanhado de graciosos sons de uma música manchada com a hipnose. Gases de desesperos evaporam. A Venus se perde na amplitude da filosofia com as vestes de uma dama burguesa, chora desamparada e pede perdão a linguagem.

O CANTO TERCEIRO DE UMA EXPERIÊNCIA PARA SE COSTURAR UMA RETÓRICA SOBRE A TRISTEZA

Eu e meu corpo, estamos em lugares diferentes. Ao invés de desancar, fecho os olhos para contemplar o aspecto obscuro do espetáculo ao redor de mim. Como se fosse possível vencer o furacão da vergonha que impede a invocação aos signos venenosos, que semeiam maldições e indecisões ou descrevem as impurezas de nossos sentimentos. Para fugir do risco de uma rigorosa luta, me deixo carregar nas ondulações de uma felicidade barata. Meu estado é de fraqueza e o ódio afirma a embriaguez de minha tristeza ao tomar proporções gigantescas. Minha consciência se esconde em negras e amargas profundidades. Te espanta a minha fala, não? Conturbada pelo mau humor. — Em ondas ensurdecedoras de metros de alturas o oceano ri de sua própria velhice, e nós, comovidos, choramos lágrimas vermelhas, as promiscuidades de nossas curiosidades; curiosidades mesquinhas de um haierofilista do texto para encontrar a origem de uma tristeza, e depois matá-la de um só golpe.

A TENTAÇÃO AÇUCARADA DO DESESPERO

Apenas ele queria emitir um grito, se certificar de que estava no vazio em plena saúde mental. Pensou no suicídio como arma contra a agonia e atirou contra sua imagem refletida no espelho; impotente assassinato sem o morto como prova. A cólera se carregava na emoção até se explodir, o choro desaba na sua plenitude. Um sonho desordenado ironicamente. Um sono disfarçado na inércia. A fraqueza me ganha e me condena à prisão do pensamento. Estava desamparado no impulso.

Imaginava dar um telefonema, fazer um convite a incêndios. Não telefonel. Imaginei. Dias difíceis como os pesadelos dos estados febris. O sujeito precisava escapar dos bons pensamentos e inventar segredos de fazer crímenes, para aprender o hábito de sobrevivência.

Fazer o que não se deve ser feito, com sigilo para ninguém descobrir o desabafo, assim fez o criador com seu silêncio apagando as testemunhas. A lembrança, ele entendeu no rosto convencido do anjo, se recordou da lentidão do mamar na criança e não pensou mais em nada.

A CURIOSA SOLIDARIEDADE DE ESTAR SÓ

Equívocos de uma passagem de um texto. A literatura era o deserto dourado se reconstruindo no jogo do aparecer/desaparecer, inexplicável como a linha reta, triste e solitária cruzando de ponta a ponta uma folha de papel branco. O sentimento inteiro de abandono faz o escritor inventar um mundo com os sapatos macios de uma chinesa. O avesso da madrugada. Brilhantes efeitos de plenitude. Passei toda a noite de ontem, pensando na objetividade da mente inventando o objeto íntimo da visão. Eu poderia sair desse aborrecido esconderijo, mas desisti para ficar assistindo, com direito de espectador, os detalhes que me impulsionam e me agitam. Sem saber o que fazer com tantas idéias e o perigo de perder o bom humor. Ficamos tristes, parados diante da janela; o contentamento era uma miragem confusa no horizonte distante, onde se percebe a curvatura do globo terrestre. Um dançarino paralisado brincando seriamente de criança. O azul do céu estava turbulento na psicose do bailarino ansioso pelo término da cena não iniciada, uma calmaria irritante impedia o exercício matinal. Ficamos mudos de tanto dizer não às concessões.

A FACE DO DISFARCE

Uma textualidade sexy não justifica a minha semi-ausência. Mas uma vez a tagarelice inclassificável, o corrosivo de nada ter a declarar: escrevo ou quem sabe me transformo no texto. Travessuras. Eu sou este modelo, eu sou a totalidade dos meus atos da mesma forma que "o mundo é tudo o que ocorre". Aqui a figuração não assalta o outro, se relaciona com ele, transa.

Só a inteligência cartesiana não duvida de nada, sente arrependimento e remorsos. Enfim sou devorado como cumplice da contra-obrigação. A privacidade se banha na maré rasa da publicidade. Um segredo roubado, uma materialidade oculta descorrida de órgãos; vida expropriada e exibida. Não me reconheço, não me vejo. O retrato tem um pequeno pormenor, meu rosto desaparecido, desfocado, eu vejo um outro, desconhecido. Antes que a ironia nos faça um convite de visita ao desengaçado, eu não faço uma pergunta, continuo a ressemolizar o tempo, o medo, o perigo; o imaginário. Adorno a insanidade com a fantástica consolação.

ENFEITIÇADO NA PARCIALIDADE

Vamos esquecer o interlocutor. Nem idiota nem filósofo, um campeão tão sem importância como o divino na religião. Passei toda a noite pensando em armar uma intriga para esfourear o parafuso derradeiro em prantos, falso atestado de oblio da compaixão. Sou obrigado a falsificar quase todos os dias minha assinatura, recompondo a réplica da rotina. Flutuam os rumores da impiedade, duplicidade do privado. O clássico pensar no impensável não se explica illogicamente, ele se torna perceptível na tentação da narrativa irreal, oscila no distanciamento; um ato sexual longe do orgasmo. Empresto detritos de meu corpo à proposição.

Impacientemente a utopia implora, a devolução das inquietações, dissimulando as frustrações libidinais. Inspido pedicó embacido de inflexões incandescentes; durante o desabamento do reprimido quando a escrita imprime minha diferença. Esta socialidade textual tem náuseas da saudade, se esconde no luto insignificante do "kitsch". A polidez me exige uma desculpa por não dizer nada, não sou culpado nem estou na moda, estou na proximidade da fronteira do campo semântico do adversário.

A CURVATURA EMBRIAGADA DO RACIOCÍNIO

Na hora em que mais o infame mendiga uma gota de descanço, o sono escapa e o sinistro beijo da noite castiga o ser sem piedade. O famoso sermão da planície faz uma monumental menologia da inércia. Apela para a convergência absoluta o obstáculo se desmancha em calmantes e em soluções ressecadas na areia do deserto. Suspenso no ar, o selvagem procurava maquiavelmente a metáfora, calúnias de um herói ou inverossímeis mentiras dos dados de um jogo sem regras. A falsidade só falou porque desorientaram o hemisfério e curvaram os raios solares. Este ébrio canto não possui a vitalidade de um verão permanente, sofre a franqueza de uma curta temporada de um verão. Palpável totalmente, ritual de uma prática. Quanta ternura em uma história terrível. Inédito sequestro de um espírito na alta densidade do amanhecer.

UMA VIAGEM EM TORNO DO IMPALPAVEL

Um rosto tenso, nada mais. Não sei a quanto tempo estive gravitando nesta incompleta solidão de meu quarto. Sinto a noite porque ela entra pela janela aberta. Lá fora: a rua e o perigo do irreal. Metáfora das sensações. Estou imobilizado diante de tudo. No apartamento vizinho acredito que um casal faz seu exercício sexual de sempre sem experimentar nenhuma perversão. Minha cabeça desconhece o lazer e o trabalho, mas funciona maquinalmente durante todo tempo, não me lembrei de fechar os olhos então eu miro a obscuridade, vejo tudo e nada me pertence.

Sempre a dor do dia seguinte. O ruído de um avião chega aos meus ouvidos, imediatamente imagino que ele transporte meu corpo para um país longínquo. Cheguei não sei onde, estou estacionado em um lugar público e deserto, difícil de atravessá-lo. Inexplicável aventura. Um encontro imprevisto com imagens estáticas de um cinema contra o espectador. O pensamento enche o espaço. Na avenida silenciosa, um fundo sonoro, tudo é invisível menos Deus que chora como uma criança quando procura desesperadamente sua mãe. Tudo pode ser reconstruído e transformado, basta imaginar novamente. Inventar ilusões e fugir do tédio. O adeus inquietante. Viver constantemente a metamorfose impossível.

A TATUAGEM INVERTIDA

Uma estrela não pisca, ilumina o que está iluminado, queima as cinzas do dia anterior. Permanece na catatonía da ilusão. Não escuta o barulho do silêncio: a soma de todos os ruídos menos o resultado dessa operação. Se imobiliza no vácuo. — Pormenores absolutamente insignificantes protegidos das mais puras importâncias, suplicam a atenção. Onde está a claridade de ontem e a nudez de hoje? — A fala torna o emissor, somente a ele interessa, foi pronunciada na infestividade da noite psíquica, quando todos os receptores estavam mergulhados na profundidade do sono, produzem sonhos e não ouviam a litania da exterioridade.

ALÉM DA SONORIDADE, NA ESQUINA DA HIPOCRISIA

Um demônio ou uma projeção de um farrapo da quarta dimensão, caminha para encimidade, bate na penúltima porta. Com traços de rei nega a imortalidade, literalmente se atunda na indecência. A danação toma conta de toda existência desamparada, porém a situação de ridículo enobrece os golpes seus ornamentados com os horrores de uma noite esplêndida.

Não se lastime leitor de cabeça vazia, deixe de ser o operário da literatura e participe deste excitante tumulto; de sua utilidade precária e de sua alegria inacessível. Lembre-se, da repugnância da sinistra resposta e da devassidão que traga as vítimas. Tenha muito cuidado com a luz forte, absolutamente carregada de inquietude, ela cega com sua luminosidade inabalável.

O campo visual tem um limite, a alucinação o desconhece e o inseto delimita um outro. Confesso nada ter fixado na lembrança para a intolável perplexidade da posteridade. Me desprezo. Quero me excluir de tudo que me aflige, inclusive do solene jardim do desgosto.

A PERPETUALIDADE DA REPETIÇÃO

Esqueci a pontualidade da lente possante que me tira uma radiografia, todos os dias antes do cansaço mergulhar minha memória no fosso do esquecimento de mim mesmo. O cotidiano é uma doçura infernal, germinado de explicações fúteis, repetindo continuamente o mesmo problema fatal, sempre querendo imitar o encontro de duas retas paralelas. Imaginem se os dias tivessem diferentes durações de tempo e a perspectiva não tivesse ponto de fuga.

A brisa virtuosa da castidade com a mesma intensidade todas as horas, me choca. Não tenho nenhuma garantia se minha fotografia se parece comigo. Ignorância talvez, mas ainda acredito mais nas desigualdades consagradas pela severa lei da matemática que nas aparências lógicas e indiscretas. O que não se explica em um axioma tem o defeito do reflexo.

O ESCRITO POSTERIOR

A insistência da fala desenha as obscuridades de uma tragédia com os boleros e as danças de uma sensibilidade paraplégica. No extremo oposto, a lembrança primordial retorna numa existência profunda, se repete, se espalha e ameaça perpetuar até a eternidade. Fico hipnotizado, esqueço que estou cansado, sinto a primeira sensação de nostalgia. O riso escreve um acontecimento triste. Neste cinema existe qualquer coisa de incerteza que pulsa demasiadamente sem fim um vulcão desperta, se agita, entra em erupção e lança suas lavas de paixão num deserto de espelhos: reflexos e reflexos se multiplicam, ampliam o calor e a claridade, mas nada existe para a referência da visão. Uma pausa para um pequeno descanso. Repetição de uma história de amor acidental submersa nas ondas do engano, longe da fácil sinceridade e de suas complicâncias. As explicações tautológicas encontram o incompreensível, mas não encontram o final feliz.

UMA VISÃO DO PARAÍSO

A águia do alto da torre vigia o sexo de todas as moças, protegidas pela lei da palavra do mestre. Na ilha dos vícios, não se fecham as portas porque elas nunca estão abertas. Os acordes silenciosos santificam os sentimentos naturais e puros da depravação, o rigor da barbaridade merece saudações. Um homem, um gigante, um papagaio faz um discurso sobre a indulgência, o sucesso desconcertante das meditações sobre a vida e a submissão: "il n'y a pas de raison de vivre, mais il n'y a pas de raison de mourir non plus". (Jacques Rigaut). Um orador prodigioso ou um humorista trágico por vocação, como o vagar errante da tartaruga na areia da praia? Pouco importa. — Evidentemente que todas estas palavras narram uma mentira para a credence do bom leitor. — No jardim público proibido aos estranhos, o casal vive o sacramento da libertinagem, esquece a antipatia do trabalho, até mesmo no sonho. A condenação à busca desperada do prazer é uma proteção contra o pai e as maldades do mundo; o passado desconhecido canta dia e noite sem parar a canção terrível da libertação.

Uma pergunta no ar sem resposta, enquanto isso, não se comprova a hipótese da existência. Eu, sentia infinitamente a proximidade da emoção, delirava no Horizonte da razão, queria me levantar, me locomover, mudar de lugar... Não tinha força suficiente, uma montanha gigante de gelo me paralizava. Indecisão de uma angústia febril. Poderia pensar, fugir momentaneamente, retornar à infância, recordar o passado, porém nada acontecia, exclusivamente o medo não me divertia, me empurrava para a imobilidade. Medo da sensibilidade. Medo de respirar profundamente e estourar os pulmões. Eu mais uma vez depois de tantas, sentia uma sensação de retorno à cena primordial. Infância maldita que estragou a sanidade do ator.

Tudo não passa de um teatro obscuro, gravado no terraço onde vagueia o desconhecido e fantasmagórico, o outro. Me vejo no espelho, não sinto a proporção do rosto, nariz, olhos estão fora de seus lugares habituais, só o psicanalista não percebe. Escrevo um bilhete num pedaço de papel incolor, faço pequenas considerações, explicações em vão. Alguém me tortura, quem? Não tenho certeza se estou aqui ou em outro lugar, mas uma coisa me preocupa e me perturba, o estado de consciência. Um sonho sem sono como tantos outros. Fraqueza, insônia. Tudo é escandalosamente inútil e se perde no deserto úmido e frio do tempo.

A OBJETIVIDADE FRIA DO DELÍRIO

O pesadelo se eleva e descreve a genealogia de um pensamento sombrio. A santidade da insônia pesa como chumbo e rouba a força de um corpo. Uma fúria de meditações desvaradas me destoca a um país longínquo e tenebroso, um sonho de quem não tem sono. O instinto do inexplicável faz considerações sobre o óbvio, a literatura entra em férias e as palavras não sabem mais o que querem dizer, escapam umas atrás das outras. O desgosto flutua como uma nave desgovernada, digo adeus a advertência.

Um corredor reto e escuro nos conduzia a uma região totalmente desconhecida, provavelmente imaginária: uma triste e irrisória idéia de se inventar um País e jamais se chegar até ele. Subterfúgos, omissão do primeiro ato, finalmente um sumário relato de uma mera volúpia, nada mais. Um ar de bordel inundava o recinto e nos convidava à obscenidade, o desejo nos aproximava e iniciamos uma peripécia bem ao lado da noite. Difícil era chegar no final do corredor, voltar atrás significava dias de caminhada, será que estamos perdidos nesta linha reta? Depois de algumas horas de sono, acordamos meio desorientados, não há nenhuma referência, estamos indo ou voltando? Paramos para nos orientar, um filósofo nos informou que tanto faz, qualquer uma das direções levam ao mesmo lugar. Um terror embriagante nos circun dava, fiquei mudo e escutei o gracejo do vento.

Terapeutas ou policiais, eles me examinam, me interrogam. Exames e mais exames. Eles penetram na minha intimidade. Não sinto nada mas eles dizem que sinto. Não digo nada e eles diagnosticam meu silêncio e o jeito com que sento na cadeira de paciente. O psiquiatra me faz perguntas idiotas, minha sanidade mental é suspeita. Era um destes exames para ser depositado num arquivo burocrático.

Um lugar estranho e triste, corredores e azulejos brancos e coloridas, todo meu tempo é consumido na espera e na peripécia da autoridade médica. Neste momento, sou o vigésimo quinto da fila para obter uma ficha para no dia seguinte tirar sangue. Todos os sujeitos da fila trazem nos olhos uma angústia e a dependência terapêutica. Lá fora o céu nublado. Ontem, me recordo acordei cedo, depois de passar toda noite sonhando, chovia um pouco. Alguma coisa me persegue nesta fila; o terror de suportar pacientemente um saber sobre o meu corpo, que advoga a minha saúde física e mental.

OBSCURO PARAISO

Agora, um panorama denso e turbulento. Imagens torturam de longe a visão, aparecem e desaparecem, trêmulas e desfocadas, na distância e no silêncio. Mais uma vez depois de mil o retorno à alucinação, um paraíso misterioso de onde os santos foram expulsos, falta a eloquência para descrevê-los. Do outro lado não era o avesso como se acreditava, era a mesma superfície fragmentada e pálida, a mesma paisagem da ausência. O vazio esconde a diferença, eleva o meto à extremidade e termina numa grande dúvida. Uma incógnita. O texto finge uma explicação, filosofar um momento de crise, afasta algum outro sonho mais cruel e sustenta a sobrevivência em teoremas da imaginação sem a necessidade de demonstrar os princípios de uma matemática do delírio. Direito de viver a angústia, pelo menos, ou ocultá-la na super-abundância da fantasia e contemplação do pavor, do pânico ou fuga. Uma marcha quase diabólica.

A última sensualidade se dispersa na intensidade do branco, vagas visões ambulantes se desprendem da imensidão. Uma sutil experiência cega não encontra o final, se confunde, se mistura na pureza do absoluto. A divina e monstruosa luz ilumina os últimos rostos em estado de movimento. Aparências, sonhos, impressões, reproduções. Nada de real como meu corpo. Nada de ilusão como a imagem do espelho.

Zero, um, dois... dez, vinte... minutos, horas submerso no mar agitado das imaginações, próximo à loucura. Agitações, idas, voltas, no ritmo da perdição. Um cortejo pouco vulgar que o tempo absorve. Procuro meu corpo como se procura uma agulha numa avenida movimentada. O destino é uma piada e a inútil retórica navega sem rumo certo na turbulência do existir. Estamos vivos. Não, não estamos vivos. Estamos na memória, nos escritos, na geometria, na ciência... Nunca estamos em lugar nenhum.